

OUTROS TÍTULOS DE INTERESSE:

Pobreza e Assistência no Espaço Ibérico (séculos XVI-XX)
Maria Marta Lobo de Araújo, Fátima Moura Ferreira e Alexandra Esteves (coord.)

A Infância no Universo Assistencial da Península Ibérica (sécs. XVI-XIX)
Maria Marta Lobo de Araújo e Fátima Moura Ferreira (orgs.)

Tomar Estado: Dotes e Casamentos (séculos XVI-XIX)
Maria Marta Lobo de Araújo e Alexandra Esteves (coord.)

Filha Casada, Filha Arrumada: A distribuição de dotes de casamento na Confraria de São Vicente de Braga (1750-1870)
Maria Marta Lobo de Araújo

MARGINALIDADE
POBREZA E RESPOSTAS
SOCIAIS NA PENÍNSULA
IBÉRICA (SÉCULOS XVI-XX)

COORD.
MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO
ALEXANDRA ESTEVES



MARGINALIDADE
POBREZA E RESPOSTAS SOCIAIS
NA PENÍNSULA IBÉRICA (SÉCULOS XVI-XX)

COORD.
MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO
ALEXANDRA ESTEVES

MARGINALIDADE
POBREZA E RESPOSTAS
SOCIAIS NA PENÍNSULA
IBÉRICA (SÉCULOS XVI-XX)

COORD.
MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO
ALEXANDRA ESTEVES

MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO

É professora associada com agregação da Universidade do Minho e investigadora do CITCEM.

A sua investigação tem-se desenvolvido nos campos da História Social e da História Religiosa da época Moderna, sendo autora de vários livros e de um conjunto de artigos que se encontram publicados em revistas nacionais e estrangeiras.

ALEXANDRA ESTEVES

É doutorada em História Contemporânea pela Universidade do Minho e investigadora do CITCEM. Lecciona na Universidade Católica Portuguesa.

Desenvolve presentemente um projecto de investigação intitulado *Saúde pública e assistência no Norte de Portugal: o distrito de Viana do Castelo (1834-1926)*, no âmbito de uma bolsa de pós-doutoramento da FCT.

SUMÁRIO

Apresentação	5
<i>Maria Marta Lobo de Araújo</i>	
Os cofres dos órfãos no ducado da Casa de Bragança (século XVI)	9
<i>Maria de Fátima Machado</i>	
Las respuestas sociales a la pobreza femenina en la España de la Ilustración: algunas notas	23
<i>Ofelia Rey Castelao</i>	
Niveles de vida de las unidades domésticas femeninas en la provincia de León en la Edad Moderna	47
<i>María José Pérez Álvarez</i>	
Pobreza socializada y modelos agrarios. Pobres estructurales y pobres conjunturales en el Noroeste Español durante el siglo XVIII	69
<i>Laureano M. Rubio Pérez</i>	
A crise da paróquia no Antigo Regime: a paróquia rural portuguesa a caminho de um novo modelo de acção paroquial. Nova pastoral. Ensino e assistência	89
<i>José Viriato Capela</i>	
Assuntos de pobres: as esmolas dos confrades de São Vicente de Braga (1783-1839)	107
<i>Maria Marta Lobo de Araújo</i>	
Marginalidade e banditismo no Alentejo (1760-1833). A resposta dos poderes periféricos	125
<i>Teresa Fonseca</i>	

La pervivencia de las prácticas tradicionales en la España noroccidental: la actividad caritativa de las órdenes religiosas a fines del Antiguo Régimen	143
<i>María Seijas Montero</i>	
Un crisol en que se han de purificar las escorias de la república: la fundación del Real Hospicio de Oviedo (1751)	165
<i>Fernando Manzano</i>	
Hospitales y refugios: la red asistencial leonesa durante el siglo XVIII	177
<i>Alfredo Martín García</i>	
Engulhos de ontem, doentes de hoje: pensar a loucura em Portugal no século XIX. O caso do distrito de Viana do Castelo	197
<i>Alexandra Esteves</i>	
Dar de comer aos famintos – subsídios para a história da Cozinha Económica de Ponta Delgada (S. Miguel – Açores)	215
<i>Susana Serpa Silva</i>	
Apoio privado à pobreza: a influência do «catolicismo social» no legado de Francisco Xavier da Cruz Araújo	231
<i>José Abílio Coelho</i>	
La ancianidad como vida en el margen en los tiempos modernos	251
<i>Oscar Fernández</i>	

APRESENTAÇÃO

MARIA MARTA LOBO DE ARAÚJO

Estudar a marginalidade e a pobreza na longa duração é ser confrontado com as mudanças inerentes ao processo de desenvolvimento das próprias sociedades, mas é igualmente reconhecer a presença de traços de continuidade, que nos ajudam a melhor entender a forma como o poder político lidou com os que viviam nas margens.

A reflexão produzida pelos diferentes autores deste livro, em torno da marginalidade, da pobreza e das respostas encontradas na sociedade dos últimos cinco séculos, constitui um exercício transversal a vários grupos sociais e procura analisar o fenómeno no espaço pensinsular. É ainda possível atender às acções desenvolvidas pelos vários poderes locais e perceber as dinâmicas surgidas à volta da marginalidade e da pobreza, quer pela sociedade civil, quer pela Igreja.

Órfãos, enjeitados, doentes, loucos, velhos, presos, mulheres e famintos constituem o universo dos pobres que, em contexto urbano ou rural, precisaram e receberam ajuda durante períodos de tempo mais ou menos longos.

O texto de Maria Fátima Machado aborda o empréstimo do dinheiro do cofre dos órfãos no século XVI, dando particular realce à realidade vivida no senhorio da Casa de Bragança e às medidas tomadas pelos duques neste particular. A autora estuda os solicitadores de empréstimos, as garantias de pagamento, os prazos estipulados e os destinos do crédito solicitado. A sua investigação alarga-se ainda ao conhecimento dos órfãos, ou seja, aos que tinham direito ao dinheiro, mas também aos desvios que ele tomava, ganhando percursos que o distanciava dos seus verdadeiros donos.

As medidas de combate à pobreza na Espanha Ilustrada encontram-se no estudo realizado por Ofelia Rey Castelao. Partindo da análise de vários grupos de pobres: mulheres, velhos, doentes e incapacitados, a autora reflecte sobre a caridade particular e institucional, destacando as medidas reformistas do século XVIII do sistema de assistência, ocorridas no século XVIII. Com base em dados estatísticos,

o Estado Espanhol procurou ordenar e racionalizar o sistema assistencial existente, dando particular destaque à educação e ao trabalho útil, muito embora as soluções encontradas estivessem dependentes dos contextos locais e registassem muitas continuidades.

As mulheres constituem o tema central da análise produzida por María José Pérez. O seu trabalho dá realce aos agregados femininos da província de León no século XVIII, analisando a situação das mulheres em contexto rural e urbano. Na busca de conhecer as origens da sua pobreza, a autora centra a sua atenção principalmente nas viúvas e nas solteiras, por serem os estados civis com maior incidência de pobreza, procurando entender as razões das suas carências. Para estas pobres, o recurso a instituições de assistência era regular, embora nem sempre resolvesse todas as situações de pobreza.

O texto de Laureano Rubio Pérez debruça-se sobre os níveis de pobreza no mundo rural do Noroeste Espanhol do século XVIII, sublinhando os modelos agrários existentes enquanto potenciadores de protecção social. A reduzida dimensão das comunidades de vizinhos e o elevado nível de autogestão concelhia, bem como o grande conhecimento social de cada unidade familiar de vizinhos explicam, na opinião do autor, determinados comportamentos sociais niveladores de desigualdades, muito embora realce diferenças para a situação dos pobres conjunturais e dos pobres estruturais.

José Viriato Capela analisa a paróquia rural portuguesa enquanto «primeiro patamar da estruturação da ordem política e social», dando particular ênfase à articulação existente entre o poder político e a estrutura social. Com base nas Memórias Paroquiais de 1758, o autor confere visibilidade às menções dos visitantes, destacando as suas propostas de reforma, onde se expressavam preocupações com os pobres em contexto local. Estas preocupações encontram-se plasmadas nos montantes que, a partir dos rendimentos da paróquia, lhes eram destinados.

Maria Marta Lobo de Araújo parte de um enquadramento confraternal para analisar a assistência aos pobres em finais do Antigo Regime. Esta análise permite-lhe dar a conhecer a acção assistencial dos confrades de São Vicente, de Braga, aos seus irmãos, mas também a outros necessitados. Velhos, doentes, presos e muitas mulheres são os seus beneficiários. Estes pobres integravam uma linha de acção que pretendia primeiramente ajudar o seus membros e minorar as suas carências.

Teresa Fonseca analisa as condições económicas, sociais e políticas de finais do Antigo Regime europeu que potenciaram pobreza e marginalidade, particularizando a situação do Alentejo no mesmo período. A presença de bandos de marginais e vagabundos a que, por vezes, a situação política dava cobertura, intimidava as populações, contando frequentemente com a sua conivência, por receio do que pudesse acontecer a pessoas e bens. A proximidade da fronteira com Espanha facilitava também a entrada e saída de ladrões e outros malfeitores. Esta situação obrigou os

poderes locais à tomada de medidas, no sentido de a dominar e assistir os necessitados, pese embora as dificuldades da época e a falta de recursos do Estado.

Após uma reflexão sobre a produção dos teóricos espanhóis acerca da pobreza ao longo da Idade Moderna, María Seijas analisa a assistência das Ordens Religiosas galegas em finais do Antigo Regime, destacando as diferenças existentes entre elas no tocante ao combate à pobreza local. A sua análise estende-se a vários conventos e mosteiros de região e sublinha a acção esmoler destas instituições, através da distribuição de pão ou de outra comida, entregue quase sempre à porta dos cenóbios. O estudo comparativo efectuado permite analisar o investimento que cada instituição realizava na ajuda aos pobres, assim como a sua maior incidência em períodos de crise.

O trabalho de Fernando Manzano debruça-se sobre a assistência do hospício de Oviedo na ajuda aos órfãos e enjeitados em finais do Antigo Regime, mas também a outro tipo de pobres. Nele, o autor analisa as constituições desta instituição, dando a conhecer a filosofia que presidiu à sua criação, as suas finalidades e o seu suporte económico. Apesar do elevado número de mendigos que acolheu, de forma voluntária ou forçada, o hospício não fez desaparecer das principais ruas de Oviedo todos os mendigos que as povoavam. A legislação previa graves sanções para os que não ingressavam e continuavam pela cidade a deambular, procurando, desta forma, encorajar o seu internamento. O poder político apostava no encerramento de pobres e não desejava que permanecessem nas ruas e mendigassem livremente. Pese embora o efeito desta medida, o hospício aumentou os seus efectivos, mas nem todos os mendigos de Oviedo o integraram, como se esperava.

O texto de Alfredo Martín García estuda a rede hospitalar da província de León durante a Idade Moderna. Tendo como base o Cadastro de Ensenada, mas recorrendo também a outras fontes, o autor foca o seu ângulo de análise no funcionamento e nos rendimentos destas instituições, dando a conhecer uma complexa rede de distintos institutos, onde se procurava ajudar os que sofriam dos males do corpo e da alma. As diferenças existentes entre eles sentiam-se em termos de receitas, mas sobretudo nos prestadores de cuidados que possuíam e nos serviços que prestavam. Muitos funcionavam como meros albergues, não dispendo de condições para prestar assistência de natureza médico-sanitária, embora fossem de grande utilidade para os peregrinos.

O trabalho desenvolvido por Alexandra Esteves incide sobre a doença mental no Alto Minho, na centúria de oitocentos. A autora demonstra que, apesar dos avanços sentidos neste domínio, eram várias as condicionantes que inquinavam o tratamento de homens e mulheres alienados, sobre os quais continuava a recair uma grande mácula. Apesar de ter aberto portas em 1848, o primeiro hospital para alienados em Portugal, o hospital de Rilhafoles, situado em Lisboa, apresentava uma capacidade limitada para acolher doentes oriundos das mais diversas partes do país. Realidade

que será, igualmente, partilhada, anos mais tarde, pelo hospital Conde Ferreira. Assim, tal como se verificava até então, os doentes do distrito de Viana do Castelo continuavam a permanecer no seio da família, nas ruas ou eram remetidos para os cárceres. Perante a carência de instituições adequadas para os acolher, muitos destes doentes continuavam a ser enviados, ainda em finais do século XIX, para as cadeias, onde ficavam a aguardar durante meses, por vezes anos, melhor destino.

Dar de comer aos famintos é o título do texto de Susana Serpa Silva. Nele procura-se analisar o papel desempenhado pela Cozinha Económica de Ponta Delgada – São Miguel – Açores no combate à fome. Sociedade profundamente marcada por diferenças sociais, Ponta Delgada possuía um grande volume de pobres, principalmente em momentos de agravamento de crises económicas, os quais experimentavam quotidianos de grandes carências. O aumento de necessitados e a incapacidade das instituições de assistência existentes responderem com eficácia a todas as solicitações, muito embora os particulares estivessem igualmente envolvidos no combate à pobreza, levaram ao aparecimento de novas soluções. A Cozinha Económica surgiu no começo do século XX, graças ao empenho particular feminino e após várias ajudas, constituindo mais uma solução local de combate à mendicidade, inserida no espírito cristão e benemerente da época.

O trabalho de Oscar Fernández aborda a questão da velhice nos nossos tempos, sublinhando o aumento da esperança média de vida, o crescimento do número de pessoas com mais idade e a importância da existência de redes sociais e de outros suportes de auxílio a esta população. Os vários exemplos escolhidos pelo autor demonstram distintas formas de funcionamento das sociedades, bem como olhares diversos sobre os mais idosos. Da estrutura familiar, mas também do funcionamento estatal decorrem os diferentes apoios sociais de ajuda aos mais velhos.

O estudo de José Abílio Coelho analisa o legado de Francisco Xavier da Cruz Araújo (um benemérito da Póvoa de Lanhoso), deixado para a construção de um hospital, assim como os desenvolvimentos políticos locais que impediram a sua construção. Instituído numa época de grande instabilidade política, a acção de benemência perdeu-se no tempo, não cumprindo a vontade do instituidor, nem ajudando os doentes visados no seu testamento. O contexto político e os jogos locais do poder acabam por explicar a não concretização deste projecto.

Esta publicação integra-se no projecto de investigação intitulado «Marginación y asistencia social en el Noroeste de la Península Ibérica durante el Antiguo Régimen», financiado pelo Ministério Espanhol de Ciencia e Innovación (Ref. HAR 2010-17780).

Finalmente, agradeço a publicação deste livro ao CITCEM, na pessoa do coordenador do Pólo da Universidade do Minho, Prof. Francisco Mendes.